

O GRITO DO POVO

JORNAL OPERÁRIO COMUNISTA

Nº9 FEVEREIRO/73 Pr. 1 Fr.



(Reprodução para o Exterior)

EDITORIAL

- A Carestia de vida
- Os Despedimentos em massa
- A entrega do país ao imperialismo
- A guerra colonial e a luta de classes em Portugal
- A guerra colonial e o chauvinismo
- O Povo Revolucionário responde à burguesia e forja a ofensiva!
- Vem aí o circo!
- O Congresso cor-de-rosa
- A nossa luta de classe!

Ler a partir da página 2

VINGAR CABRAL!

Amílcar Cabral, dirigente do PAIGC, foi assassinado por agentes da Pide, infiltrados nas fileiras do partido revolucionário da independência!

Cabral, caiu como muitos outros no terreno da luta. Os reaccionários que lutam desesperadamente contra o vento revolucionário da liberdade, nada mais conseguiram com esse acto, do que aumentar a unidade dos povos oprimidos e a sua determinação de lutarem até à vitória final.

Se bem que alguns operários e camponeses portugueses possuam ideias gradadas, Cabral e os seus camaradas são amigos do povo português, Cabral e os seus companheiros lutam pela mesma causa que nós: a liquidação da miserável ditadura capitalista e colonialista, que nos corroi as entranhas e nos chupa até à morte.

ABAIXO A GUERRA COLONIAL ASSASSINA!
MORTE AOS ASSASSINOS DE CABRAL!
INDEPENDÊNCIA TOTAL PARA AS COLÓNIAS!
OS POVOS OPRIMIDOS VENCERÃO!

Ler página 18



VIVA A JUSTA LUTA DOS POVOS DA ÁFRICA AUSTRAL.

Hui Patrício vai à África do Sul. Como na Rodésia (Zimbabwe), um governo racista de minoria branca domina o país africano. Patrício esforça-se por reforçar as alianças reaccionárias entre os colonialistas e os racistas para a opressão dos povos negros da África Austral. Cabora Bassa, Cune ne, duas barragens ao serviço do racismo.

Mas em Angola, África do Sul, Namíbia, Moçambique e Zimbabwe, os povos organizam-se e desencadeiam vitoriosamente a luta armada.

Em Durban, África do sul, 15.000 operários em greve geral de várias semanas.

O nosso dever internacionalista, proletários de Portugal, é apoiar claramente a heroica luta de libertação dos povos da África Austral!

Ler na página 5

A CARESTIA DA VIDA

Durante o período de Dezembro de 72 a Fevereiro de 73, confirmaram-se e intensificaram-se as linhas gerais da luta de classes na sociedade portuguesa que temos vindo a analisar.

Neste número, em que o nosso jornal aparece como publicação mensal, resumiremos alguns dos principais factores que merecem ser sublinhados, e suas perspectivas para a luta de classes.

A carestia de vida, longe de diminuir, aumenta assustadoramente. Subiu o frango e o peixe; o azeite vai sofrer um aumento de 30% dos quais metade já está em vigor. Subirão brevemente ainda mais as batatas, as cebolas chegam aos 11 escudos. O vinho vai aos 8 escudos, sem falar no verde, que num mínimo de 9 chega aos 11 e 12 escudos. O preço dos transportes fora dos grandes centros urbanos, tem sofrido aumentos que chegam aos 40%. Segundo as estatísticas "oficiais", neste período, o aumento dos preços dos géneros de consumo ultrapassou os 15% por ano. O governo nada faz senão deitar poeira para os olhos. O governo agente e fiel servidor da grande burguesia bancária, industrial e latifundiária, e do imperialismo estrangeiro, nada faz, nada fará, nada lhe interessa fazer senão enganar. É a burguesia capitalista-colonialista, a principal responsável pela subida assustadora dos preços, que usa em seu proveito, na acumulação de cada vez maiores lucros, na guerra colonial, na manutenção do aparelho estado colonial-fascista e dos seus lacaios.

A poeira já cega pouca gente ou ninguém! O Ministério da Economia do Estado burguês, chega a ter a lata de editar um livrinho intitulado: "Minhas 5 horas, lute contra a carestia da vida". Esses charlatões descarados armam-se em defensores do povo contra a carestia da vida, como se fosse uma calamidade caída do Céu! Nesse pasquim, os técnicos da exploração pedem para não se deixar ultrapassar os preços das taboas. Mas se a carestia da vida está exactamente nas tabelas impostas pelos capitalistas e aprovadas pelo governo. Não são as traficâncias que possam fazer os pequenos-comerciantes que originam a alta dos preços. Estas, influenciando, têm um papel meramente secundário, e não o principal, como pretendem os capitalistas para enganar o po-

vo e tirar as culpas de cima das costas.

OS DESPEDIMENTOS EM MASSA

OS DESPEDIMENTOS, e particularmente, os despedimentos em massa, cresceram neste período como não há memória. Na Bell's, Conservas de peixe, Cerâmica do Centro, Abelheira, Gialco, Polvora de Barcarena, entre dezenas de outros casos, milhares de operários têm sido despedidos em massa, ficando no desemprego desesperado. Centenas de operários com mais de 45 anos (o que significa na maioria, subemprego ou desemprego até à morte), alguns com dezenas de anos de casa, são mandados para o fundo de "desemprego", para o TRIBUNAL BURGUEZ DO TRABALHO, reclamar subsídios e indemnizações dos quais só migalhas chegam na maior parte dos casos e que nada resolvem na vida de um operário ou operária despedido.

Os tribunais e demais lacaios do regime, dizem que nada podem fazer. Que são as leis. São as leis que eles fizeram, esbirros da exploração! São as leis que permitem ao facinoroso Champalimaud apoderar-se de mais 1 fábrica e despedir o operariado para as suas manigâncias capitalistas. São as leis que permitem a um capitalista abrir falência com uma fortuna em nome da mulher! São as leis que permitem, que o trabalhador é que se desgraça sempre, e os vampiros do trabalho, os parasitas exploradores que nada fazem, por mais falências e atropelos em que se metem, andam sempre com vários carros e milhares de contos às voltas!

Na Gialco (Porto), os operários apontaram já uma das vias justas para o operariado combater nestas condições, como noticiámos e comentámos noutra rubrica.

SOBRE O DESEMPREGO

DIZEM os técnicos burgueses em grandes parangonas, com ares de satisfação, que em Portugal não verificam as clamorosas proporções do desemprego como acontece noutros países capitalistas. Esta leria ridícula pede uns apontamentos.

1º O desemprego existe em Portugal e em grandes proporções. Existe como realidade ou como perspectiva breve para a grande parte dos trabalhadores não-especializados, que constituem a maioria esmagadora dos trabalhadores portugueses. Existe para a grande maioria dos velhos,

sem qualquer pensão de reforma que sirva para aguentar seja quem for. Existe para a esmagadora maioria da juventude entre os 18 e os 20 anos, que esperam a tropa e não consegue alimentar-se nem consegue proventos para viver e vê-se obrigada a trilhar caminhos escuros para tentar sobreviver, onde, afinal, em nada prejudicam a burguesia, ajudando-a a reforçar o seu aparelho de repressão e de defesa da propriedade privada. (Este assunto importantíssimo será tratado num dos próximos números, detalhadamente).

2º: pois se em Portugal a taxa de desemprego é menor que noutros países capitalistas, como havia de não o ser, se até a população tem diminuído vertiginosamente, de ano para ano?

3º. o desemprego é uma característica da sociedade capitalista. Sem desempregados os capitalistas não podem ou têm grandes dificuldades em intensificar a exploração e em congelar os salários. Com o desemprego, eles têm sempre a ameaça do despedimento para quem protesta, e no mercado do preço da força do trabalho eles podem ditar os seus preços. Ter menos desemprego que em certos países capitalistas, longe de elogiar o sistema capitalista português, mostra a realidade de qualquer sistema capitalista, que é a riqueza para os burgueses, a miséria e a fome para os trabalhadores!

A ENTREGA DO PAÍS AOS IMPERIALISTAS

A venda e entrega total do país ao imperialismo estrangeiro, tem prosseguido. O Estado burguês encabeçado pelo governo de Caetano, vê na entrega do país ao estrangeiro, o seu melhor meio para se aguentar no poleiro. Dia após dia, parcelas cada vez maiores da economia nacional, ficam debaixo da pata dos americanos, alemães, franceses, ingleses, japoneses, suíços, suecos, italianos, belgas, holandeses e outros, enquanto o imperialismo yanqui e seus lacaios consolidam as suas bases militares no nosso país. O regime lambe as botas conspurcadas do imperialismo estrangeiro, na tentativa de este lhe assegurar a continuação do fornecimento de auxílio à guerra colonial assassina e apoio político à

ditadura fascista ameaçada de dia para dia, pelo ascenso da luta popular.

Com ares de quem tinha acabado de fazer um grande feito, os verdugos da tirania concluem acordos sobre acordos com as potências imperialistas ocidentais, como tentativa de colmatarem as brechas profundas da sua dominação, e evitar o aluimento pela Revolução Popular!

A GUERRA COLONIAL e a situação portuguesa

A Guerra Colonial, instaurada nos anos 60, passou a partir do seu início, a ser a trava mestra da evolução da economia capitalista portuguesa.



Mas não é justo dizer que foi com a guerra colonial que começaram todos os males sobre o povo português. Isso seria defender o regime anterior a 60 a mesma ditadura fascista e colonialista, ou a anterior a 1926, a mesma ditadura burguesa e colonialista, com ares de "democrática" para inglês ver, anti-popular e sanguinariamente anti-operária na realidade!

Alguns camaradas que por vezes dizem isso e coisas semelhantes, estão a cometer erros de análise e de pois caem em erros de acção.

Mas foi com a guerra colonial que as principais contradições da sociedade portuguesa se avolumaram até a forma que hoje as vemos. O imperialismo estrangeiro dominou Portugal,

pelo menos desde os primeiros alvares do capitalismo. Mas a partir do início dos anos 60, essa dominação incrementou-se até à subordinação total, económica, militar e política.

A carestia da vida não é um fenómeno exclusivamente português, como diz o Caetano e seus acólitos. É um "fenómeno" exclusivamente capitalista. É um aspecto da crise em que se debatem as ditaduras burguesas de todos os países capitalistas e dos que de socialistas só têm o nome, como por exemplo a Jugoslávia e a Polónia dominadas pelos revisionistas, e ainda os países dominados no fundamental pelas potências imperialistas. É um dos principais sinais das crises inerentes ao sistema capitalista, e da grande crise em que se debate actualmente o imperialismo agonizante. Se não houvesse guerra colonial, ao contrário do que alguns dizem, haveria carestia da vida, mas não com as proporções que conhecemos. A guerra colonial, intensifica a carestia da vida por um lado, por outro lado em conjunto com muitas outras resistências e ofensivas revolucionárias com que depara a dominação imperialista no mundo, é um factor da crise do imperialismo, como temos explicado em vários números deste jornal.

Os camaradas que pensam de forma errada sobre isto, chegam alguns por vezes a pensar e a dizer que acabando a guerra colonial acabariam os sofrimentos do povo português, que o regime cairia por si, etc... o que não é verdade mas um grave engano. Esta tese não está longe das teses ultra-oportunistas do partido revisionista nos períodos em que falou mais claramente sobre os seus propósitos de traição.

A ditadura burguesa cairá quando for deitada abaixo pelo povo português e nada mais!

O que é bem certo, e é uma coisa muito diferente, é que a dominação

colonial e respectiva guerra de repressão aos heróicos combatentes da liberdade e independência das colónias, é o ponto de sustentação mais importante do regime e do sistema. Que para além de ser um dever internacionalista é uma imposição para todos os que lutam e defendem a justiça, atacar a guerra colonial assassina é atacar o ponto mais importante de sustentação da ditadura e um dos elos mais fracos da cadeia imperialista mundial. Que se portanto a ditadura não cai obrigatoriamente com a caída da dominação colonial, o que é certo, é que ficará gravemente abalada, mas dependerá do povo revolucionário de Portugal, o seu derube e sua liquidação final, pelas suas próprias mãos armadas.

Por outro lado, os camaradas que por vezes baralham estas questões, alguns pensam e dizem que sem acabar com a dominação colonial e a guerra não se pode derrubar a ditadura vigente, liquidar a burguesia, correr com os imperialistas, instaurar a democracia popular e construir o socialismo. Tais camaradas caem num gravíssimo erro, e a não o corrigirem, passam mais tarde ou mais cedo para as fileiras dos oportunistas incorrigíveis e dos traidores.

Nada nos diz, efectivamente, que a Revolução em Portugal não poderá ser exactamente um dos principais auxílios à luta de libertação africana, pois, evidentemente, um programa revolucionário, democrático-popular, em Portugal, terá a bandeira da independência total para todas as colónias como um dos pontos basilares. Nada nos diz, que actualmente, ou proximoamente, considerando os vários aspectos que constituem a força do povo (luta, união, organização, direcção etc.)... o povo português encabeçado pelo proletariado e pela vanguarda comunista marxista-leninista, não possa derrubar a ditadura no poder.

LÊ-ESTUDA-DIVULGA

ALBANIA HOY

REVISTA ALBANESE POLITICA

E DE INFORMAÇÃO

EM DISTRIBUIÇÃO EM PORTUGAL

NÚMEROS 3 e 4

A GUERRA COLONIAL
e o chauvinismo

CHAUVINISMO, é uma palavra que ficou universalmente consagrada na significação de nacionalismo estreito, pequeno-burguês. O chauvinismo, é uma ideologia diametralmente oposta aos interesses do proletariado mundial, que são os da destruição do

capitalismo e da construção do comunismo em todo o mundo, do mundo sem fronteiras, sem classes, a igualdade.

O chauvinismo ou nacionalismo pequeno-burguês, exerce-se e manifesta-se contudo fortemente sobre o movimento Operário. É uma resultante da dominação ideológica da burguesia sobre o proletariado, directamente a través das escolas, rádio, imprensa, espectáculos e de mais meios de propaganda indirectamente através das agências da burguesia infiltrados no operariado, os revisionistas.

Durante a 1ª grande guerra mundial imperialista de 14 - 18, Lenine à frente dos comunistas russos, condenou e lutou sem reservas contra os partidos revisionistas que falavam "da defesa da pátria" e outras palavras de ordem que só significavam na verdade a defesa dos interesses de cada grupo capitalista em guerra com outros, e o morticínio dos operários e camponeses de cada país, em defesa de interesses que não só lhes eram alheios como contrários. Os capitalistas de vários países procediam a uma guerra para a repartição do globo entre as suas garras; os comunistas souberam mostrar às massas operárias que o dever internacionalista era derrubar os capitalistas de cada país aproveitando mesmo a situação gerada pela guerra imperialista.

Também em Portugal por essa altura os elementos e organizações mais progressistas do movimento operário aprenderam para que esta palavra de ordem fosse seguida, e ao contrário do que reza a história que nos ensinam na escola, houve grandes lutas operárias sobretudo de juventude contra a guerra imperialista, o militarismo, e a dominação colonial. Também nessa altura em Portugal, os agentes da burguesia infiltrados no Movimento Operário, traindo os interesses imediatos e históricos do proletariado, apelaram para uma atitude chauvinista de participação na guerra imperialista.

O chauvinismo existe hoje em Portugal. É apanágio da propaganda burguesa desde os primeiros dias dos bancos da escola, onde se tenta insuflar sobre o povo as ideias nacionalistas burguesas e imperialistas. Mas, na verdade, hoje, a propaganda fascista re-

(continua na pag. 9)

VIVA A JUSTA

luta dos povos da

ÁFRICA AUSTRAL!

Na África do Sul, região de Durban, desencadeou-se nas últimas semanas uma greve magestosa de 15.000 operários negros e indianos. Esta greve durou mais de 4 semanas e embora a policia tivesse mobilizado meios colossais para dispersar os grevistas manifestantes (prisões em massa e gases) não conseguiu deter o ímpeto revolucionário dos trabalhadores em greve. Entre os grevistas, (11.000 operários da industria e 4.000 municipais) havia descarregadores de mercado, operários que trabalham nos esgotos e arruamentos, operários da limpeza das ruas, etc... As consequências da greve depressa se fizeram sentir; o lixo ficava nas ruas, os mercados tinham dificuldade em serem abastecidos, etc...

Ao mesmo tempo, guerrilheiros revolucionários intensificaram neste período a sua acção. A luta armada, na sua fase de predominância da guerra de guerrilha, fortalece-se também na África do Sul e torna-se uma importante força de combate.

Quais as razões elementares da revolta violenta do povo da África do Sul?

A África do Sul tem como população cerca de 3 milhões de brancos e 17 milhões de negros, mestiços e asiáticos. É um país em que a minoria branca está no poder e explora de baixo de uma ditadura fascista e racista aos que não são brancos. Os brancos pertencem na maioria aos serviços superiores e à burguesia parasita. Os brancos trabalhadores formam na sua maioria o sector da "aristocracia operária". Ocupam os lugares mais bem pagos e os postos em que dominam todos os que não são brancos. Vão regularmente às urnas e votam pelo "apartheid". Os que não são brancos, os negros, mestiços e asiáticos são tratados como cães lazaretos. Não têm qualquer direito político ou sindical. As organizações de defesa profissional não são reconhecidas legalmente: não têm como aqui direito a greve.

APARTHEID

Regime político que impõe uma separação radical entre brancos e negros. Por exemplo: autocarros e paragens para brancos; autocarros e paragens para negros; bairros só para brancos e bairros só para negros; bares só para brancos e bares só para negros; escolas, hospitais, sentinas públicas... tudo separado. As coisas dos brancos no maior luxo e opulência, as coisas dos negros na promiscuidade e miséria.

A África do Sul sempre foi e é uma terra de africanos. Como fizeram em todas as regiões de África onde se instalaram, os colonos brancos fizeram tudo para arruinar a vida dos negros para os obrigar a abandonar a terra e virem trabalhar para os centros industriais, encher os bolsos dos capitalistas.

Nesse sentido, os colonos brancos meteram pelas armas aos não brancos em reservas minúsculas sem qualquer condição de sobrevivência e obrigaram-nos a migrar para outras zonas, vender a sua força de trabalho.

Se por um lado os brancos passavam assim a ter quem trabalhasse para eles, passavam a encontrar à sua frente a classe de proletariado industrial, a classe mais avançada da terra.

A mão-de-obra negra, nestiça e asiática é utilizada essencialmente nas minas, na construção civil e na agricultura e ocupam sempre lugares não especializados. Há uma grande disparidade de salário entre brancos e negros; um mineiro branco ganha 19 vezes mais que um mineiro negro, e um operário da construção branco ganha 6 vezes mais do que um negro.

A África do sul tem falta de engenheiros, técnicos, mão-de-obra especializada, mas a sua obstinação racista chega ao ponto de impedir a todo o custo a promoção profissional dos negros e recorrer à emigração dos belgas por exemplo.

Mas na África do Sul, a luta é organizada revolucionária, e as lutas anti-racistas tornam-se cada vez mais importantes e um quebra-cabeça para o regime Vorster. É o operariado, o campesinato, mesmo os estudantes brancos fazendo importantes movimentos anti-racistas. A maior parte das grandes lutas da África do Sul são escondidas pela imprensa burguesa mundial. O regime racista de Vorster, tem a condenação mais energética dos

vos de todo o mundo. As assembleias da ONU têm aprovado várias sanções contra o regime, mas todas elas têm tido o voto dos Estados-Unidos, aliado do regime racista.

NAMÍBIA

Também na Namíbia a luta do povo se intensifica. Na Namíbia, situada ao Sul de Angola é uma colónia da África do Sul desde a primeira guerra mundial imperialista. Até aí era uma colónia alemã, e com a sua derrota, e os tratados de rapina do Armistício, a África do Sul passou a ter a dominação política, económica militar e administrativa da Namíbia. Como na África do Sul, o povo Namibiano foi obrigado pelas armas modernas dos brancos a meterem-se em reservas nas regiões menos férteis e nas regiões desertas. Como as terras não lhes permitiam a sobrevivência foram obrigados a ir para as grandes impresas sul-africanas e europeias, onde eram terrivelmente oprimidos e explorados. Os crimes e as chacinas foram a tal ponto, que a ONU teve de insistir na retirada de poderes da África do Sul sobre a Namíbia. A ONU, ineficaz pelo voto sistemático das grandes potências imperialistas no conselho de segurança, nada fez na prática, e o regime racista e colonialista de Vorster continua o mais escabroso regime de escravidão e chacina sobre o povo namibiano.

Também o povo namibiano, depois de espectaculares greves e manifestações de muitos milhares de operários, passou à fase da luta armada de guerrilha, dispõe de importantes forças revolucionárias armadas.

ZIMBABWE

No Zimbabwe (geralmente conhecido no Ocidente por Rodésia), está instaurado também um regime feroz de ditadura racista sobre os negros. A minoria branca, está instalada em todos os poderes públicos. Mas também no Zimbabwe (Rodésia) a chama revolucionária do povo alastra o território. As forças revolucionárias dispõem de apoio total da população negra, operários e camponeses, e ainda de apoio de muitos intelectuais.

O regime de minoria branca de Ian Smith conta por outro lado com o apoio material e político das grandes potências imperialistas ocidentais nomeadamente do U.S.A., e ainda

do estado colonial fascista português e da África do Sul. De facto o povo do Zimbabwe, luta contra os grandes nopólios imperialistas, aglutinados em torno de cerca de 300 grandes impresas norte-americanas, britânicas, francesas e alemãs.

A luta de libertação do povo de Zimbabwe é uma luta de todo o povore volucionário unido em torno do programa revolucionário e apoiando e participando activamente na luta armada de libertação.

A repressão branca só tem comparação com a chacina dos índios nas Américas! Os reaccionários racistas irancos, lançando pesados castigos e repressões sobre os camponeses que nas aldeias se recusam a denunciar os guerrilheiros, e sobre todos aqueles que de forma velada ou aberta protegtam contra a tirania dictatorial da minoría branca. Foi o que aconteceu este mês: as forças da minoria branca saquearam o gado de uma aldeia Chiwesha e bombardearam povoações com a aviacão de bombardeamentos, pois os camponeses recusam-se a denunciar os guerrilheiros e a colaborar com os racistas-colonialistas brancos. O regime ignóbil da Rodésia de Ian Smith criou uma série de leis, instituindo reservas só para negros, onde são hncados todos os que protestam contra a situação. Um Terrafal no Zimbabwe, talvez piór.

Mas o povo Zimbabwiano não recua, as suas forças armadas inflingem severos castigos nos assassinos racistas. Os últimos meses têm visto glo-

CARTA A UM CAMARADA
SOBRE AS NOSSAS TAREFAS DE ORGANIZAÇÃO

V. I. LENINE

Agora em off-set, 2ª edição, na coleção "Textos Marxistas", pr. 3\$00

Um documento importante para a construção do Partido do Proletariado

riosas vitórias militares e políticas dos guerrilheiros. Malgrado as "limpezas" anti-guerrilha, onde camponeses e operários são deportados, torturados e assassinados, a luta do povo é invencível.

Paralelamente à repressão interna, o regime reaccionário de Smith, em colaboração com os racistas da África do Sul e da burguesia colonialista portuguesa, tal como os colonialistas portugueses sobre a República da Guiné,

sobre o Senegal e sobre a Tanzânia, lançam agressões aos povos africanos vizinhos, lançados na grande batalha contra a exploração e dominação imperialista.

"revolta-te e luta."

"luta operária."

Foram publicados, mais um número destes jornais marxistas-leninistas, de camaradas emigrados respectivamente em Grenoble (França) e na Suécia.

O abraço comunista da nossa redacção!

o bloqueio à Zâmbia

Nas últimas semanas o regime racista de Ian Smith fechou a fronteira com a Zâmbia, pretendendo assim boicotar a economia zambiana, fazendo chantagem com o fito do povo zambiano retirar o apoio às lutas de libertação.

Para isso, o governo branco, proibiu a passagem de todas as mercadorias destinadas à Zâmbia ou dela provenientes, excluindo contudo a exportação do cobre destas restrições, exporção importantíssima para a economia Zambiana, e uma importante fonte de receitas para a economia rodésiana.

Qual não foi o espanto do governo racista, ao verificar que o governo Zambiano e seu povo, não só não retirava o apoio aos guerrilheiros, como o aumentava, ao mesmo tempo que se de sembaraçava perfeitamente da exportação e importação de mercadorias.

Quando Smith veio dizer que já podiam passar, o governo zambiano respondeu-lhes que agora já não passam mais mercadorias zambianas. Nem mercadorias gerais, nem cobre, cuja passagem, alias, não tinha sido proibida. Foram os lucros da Rodésia, África do Sul e dos colonialistas portugueses, que acabaram por ser boicotados!

A burguesia colonialista portuguesa encabeçada por Caetano, colabora abertamente e disfarçadamente com os regimes racistas de Vorster e Smith, universalmente condenados por todos os povos progressistas e amantes da liberdade do mundo. São pilotos sul africanos que empreendem os bombardamentos a Moçambique com produtos químicos e desfolhantes, oficiais

e soldados sul-africanos passeiam à vontade em ruas de Angola: helicópteros sul-africanos colaboram activamente na luta de repressão ao movimento de libertação da África Austral. Vorster, bem como Smith, prometeram toda a ajuda "para combater o terrorismo". Esses racistas sabem como a segurança dos seus governos de minoria estão dependentes da segurança da exploração colonial sobre as colónias dominadas por Portugal na África Austral.

Na mesma altura que em Lisboa, Ribeiro dos Santos era assassinado pela Pide, Ian Smith encontrava-se em Lisboa, em conferência com Caetano. Agora, nos últimos dias, Patricio deslocou-se a Lourenço Marques preparando-se para uma viagem à África do Sul e à Rodésia, em visita oficial. Os colonialistas e racistas, portugueses, rodésianos e sul africanos, comemoram a sua efémera aliança reaccionária!...

A LUTA DOS POVOS DA ÁFRICA DO SUL, ANGOLA, MOÇAMBIQUE, NAMÍBIA E ZIMBABWE, É A LUTA DOS POVOS AFRICANOS OPRIMIDOS PELO REGIME DE ESCRAVATURA, RACISTA E COLONIALISTA DO IMPERIALISMO BRANCO !

A SUA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL PELA INDEPENDÊNCIA E DEMOCRACIA É UMA JUSTA E HEROICA LUTA !

VIVA A JUSTA LUTA DOS POVOS DA ÁFRICA AUSTRAL !
MORTE AO RACISMO E AO COLONIALISMO ! MORTE AO IMPERIALISMO !

VIVA A LUTA ARMADA DOS POVOS !

UMA PROVOCAÇÃO DE "A ÉPOCA"

O jornal ultra-reaccionário "A Época", resultado da fusão entre os jornais fascistas "Diário da Manhã" e "A Voz", publica na íntegra o papel aparecido em algumas igrejas do Porto em 31 de Dezembro, usando, entre outras siglas, totalmente inventadas, o nome da nossa organização como assinatura.

Os conhecidos facinorosos pidescos de "A Época", sublinhavam o apoio que "os extremistas davam ao bispo do Porto".

Nós, já no último número desmascarámos tal papel, como uma provocação fascista, que nada tem a ver, nem poderia ter, connosco.

"A Época" faz o favor de se desmascarar mostrando como o papel, objectivamente, se destina a manobras entre os vários grupos burgueses.

Simultaneamente, de vários sectores, mais ou menos ligados a esses meios, começam a surgir com certa regularidade, estranhas "coincidências" provocatórias destinadas a lançar a confusão. Nós avisamos essa corja de fascistas, trotskistas, revisionistas e demais, que se entreguem a actividades provocatórias contra nós, que a nossa resposta será clara e incisiva !!!

(continuação da página 5)

ativangite e as gritas da "Pátria" e da "Expansão", já não consegue, praticamente qualquer audiência no povo. Toda a gente vê já hoje o que significa a "pátria" dos capitalistas.

Contudo, ideias chauvinistas continuam a existir no povo, nomeadamente no operariado. São cada vez em menor número mas existem, é um facto, é verdade, e escondê-lo seria não só uma mentira como uma traição.

Uns dizem: "Se nós sairmos de lá, vão para lá outros". Sim, vão para lá outros, vão para lá os moçambicanos, os guineus, os angolanos. Vão para lá os povos africanos que lutam. Certamente que esses povos são apoiados pelos povos progressistas e revolucionários do mundo inteiro. Certamente que são apoiados pela República Popular da CHINA, grande pilar da Revolução Mundial. Mas os USA ou a URSS "ajudam" com intenções imperialistas de endividarem e dominarem os povos, a REPÚBLICA POPULAR DA CHINA ajuda verdadeiramente os povos, concedendo-lhes ajudas de o único interesse é o da Libertação Mundial!...

Outros dizem: "Que seria de nós sem aquilo?" É uma ideia muito difundida pelos exploradores e que por vezes é contra um certo ego em alguns elementos do povo. Pois, "com aquilo" é que o povo português vê os seus sofrimentos aumentarem de dia para dia. Com aquilo é que vemos os nossos filhos, irmãos e amigos serem mortos ou voltarem estropiados física e mentalmente, com uma condecoração para nadar a fome ou a título póstumo. Nenhum povo que oprime outro, pode ser um povo livre! Não é na opressão dos outros que nós podemos construir um país próspero e feliz. É na nossa luta de classe contra os exploradores e na nossa luta pela produção. Não há países ricos e pobres. Há países exploradores e explorados. Portugal é um país como qualquer outro, onde só o trabalho gera riqueza. A força de trabalho do povo português, com o seu destino nas mãos, sem guerra, sem colónias, sem imperialistas, sem capitalistas, no regime da DEMOCRACIA POPULAR abaixo da ditadura do proletariado, construirá um país socialista verdadeiramente próspero e feliz.

É o Estado burguês que empobrece o país, aliado ao idealismo estrangeiro, sugando até à medula o trabalho. A dominação colonial longe de enriquecer o país, arruína-o desde sempre. Enriqueceu sim, os exploradores e os seus la-

cares. A massa dos trabalhadores não ganhou nem um centavo na críminosa exploração e repressão. Não ganhou e não podia ganhar. Essa é a lei dos países coloniais em toda a História e em todos os cantos do Globo.

Mas mais que os problemas de ganhar ou não ganhar, nós operários, camponeses e demais explorados, devemos não só opor-nos à dominação colonial como apoiar claramente a justa luta de libertação africana. É uma luta heróica de povos subjogados há séculos pela tirania, que cusaram pegar em armas contra os seus carrascos e conquistar a liberdade.

Há ainda por vezes, trabalhadores que dizem: "os pretos não estão preparados para a independência." Pois perguntamos: Como se prepara um povo para a independência, senão tomando em suas próprias mãos o seu destino, trabalhando e lutando contra os invasores, apoiando-se principalmente sobre as forças próprias? E se eles não estivessem preparados para a independência, como estariam então preparados para infligirem constantemente pesadas derrotas militares, políticas e diplomáticas aos colonialistas. Para que precisam então os colonialistas de liquidar fisicamente os dirigentes dos movimentos de libertação? Os africanos em luta pela libertação estão tão ou mais preparados que nós, que também temos de lutar pela independência contra a dominação imperialista e deixarmos de nos armarmos em paizinhos dos africanos, e acabarmos por ser, afinal, joguetes directos dos opressores colonialistas.

É preciso combater as ideias chauvinistas, joguetes da burguesia colonial. Nenhum opressor é livre! As ideias chauvinistas são anti-internacionalistas e anti-proletárias. Discutamos detalhadamente com os trabalhadores que têm ideias erradas, nomeadamente com aqueles que voltam da guerra, explicando-lhes meticolosamente, a justeza da luta anti-colonial.

O POVO REVOLUCIONÁRIO RESISTE E LUTA!

CONTRA os ataques da burguesia, operários e camponeses, soldados, estudantes e progressistas, cerram fileiras e respondem.

A gloriosa luta dos pescadores do arrasto de Matozinhos, a larga campanha anti-colonial desencadeada no Norte e no Sul do país, as importantes lutas operárias de Abrunheira, Al -

ucirão, Anarante, Alveros, Barreira, Cartaxo, Leixões, Lisboa, Porto, S. João de Ver, Torres Vedras, Venda Nova, a luta dos estudantes revolucionários nas ruas e nas prisões, as lutas dos soldados no Alentejo, em Chaves, Mafra e Vila Franca, a continuação das lutas em varias regiões camponesas como na Anarante, em Avanca e no vale de Vouga, as novas e grandes vitórias militares políticas e diplomáticas dos povos das colónias de África, são marcos deste ascenso de fogo sobre a burguesia, que aterrorizada, repete os golpes repressivos e crininosos sobre o povo, na sua marcha certa para a derrota final.

A cada processo de luta, a cada ата que burguês, corresponde o fortalecimento das fileiras do povo, da sua unidade, experiência, organização e inabalável vontade de vencer.

Os ataques da burguesia, não passam de fogo de protecção para cobrir ineficazmente a sua debandada, a derrota final.

VEN AÍ O CIRCO!

POIS é verdade. Lá para Outubro vamos ter circo. A burguesia contente e descontente, vai fazer exercícios de equilíbrio na corda bamba!

De um lado vão estar os fascistas, uns de gravata, outros de casaca, outros em canisela.

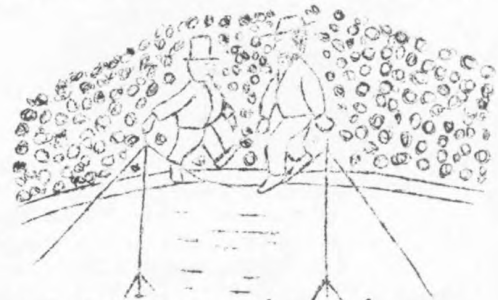
Do outro lado vão estar os democratas de paleio, os revisionistas, os "socialistas" de gabinete, etc., e de mais palhaços.

Doutores contra doutores. Mas o melhor vai ser no fim. Parece que saem todos em cuecas. O prémio é o direito a viajarem durante 4 anos até à estância de devaneio de S. Bento: a Assembleia Nacional! Tudo pago - extras - "salário" fixo.

Para isso aí estão os preparativos. É preciso ir depressa senão acabam os bilhetes prás cadeiras. Mas há sempre nas galerias, é mais barato e pode ser que haja invasão das bancadas e de tudo o resto. O prazo é até 15 de Março. Mas vão manter as bilheteiras abertas, em horas extraordinárias. Parece! Apeitado.

Vai ser uma grande festa. Que o prémio é importante. O palácio para quem não cair! É permitido tudo: trocar papéis, telegramas, insultos, desde que não se toquem. Isso é que é proibido. Ah! É verdade; ninguém pode mexer nos parafusos que seguram os postes de cada uma das equipas. Até vão ser pos-

tos menos à volta dos postes para ninguém tocar nos parafusos. No postefacista, não se pode mexer na guerra colonial. No poste revisionista não se pode mexer na luta de massas! - Meu Deus; vai ser um problema, com tanto público a olhar para os parafusos... e alguns com desandadores escondidos.



Para a grande festa, já por aí anda a respectiva propaganda: palhaços, macacos, cãesinhos, gatinhos, cadelinhas, anda para aí a bicharada toda a distribuir prospectos, colar cartazes, anunciar na TV. De todas as cores: verde, laranja, preto, amarelo, cor-de-rosa, azul às riscas, ... vermelho não que é subversivo. Por trás dos papéis vermelhos andam os comunistas... têm uma volta de humor estes comunistas, revolucionários, e todos esses que não gostam do nosso circozinho, não é Oh Caetano. E é tão engraçadoinho, o nosso circozinho não é Oh...

Ganha-se à empreitada. Quanto mais chiqueiro mais se ganha. Como para o Det, o Europa-América, a Cergal e o Super-Pop.

- Diz a fascistada:
- QUE SE RECENCEIEM TODOS!
- QUE SENÃO É TRAIÇÃO!
- E açapanha a democrato-revisada:
- QU'É UM DEVER DO CIVISMO!
- QU'É UM DEVER DO CIDADÃO!

Os papéis de anúncio revisionistas, essem então... são de atirar para o chão a rir. Têm mais piada que os maquininhos de circo de Moscovo!

Dizem: Todos ao recenseamento (até 15 de Março) para melhor aproveitar o período eleitoral para lutar (sic) se guem-se os programas de festas.

Bon! Chega de brincadeira. Acalma-te camarada leitor! Sim, bem compreendemos que tratar disto sem rir é difícil. Mas vamos lá, um esforço; pronto! um dos próximos números tratará esta questão a sério. Prometemos que se gozarmos mais com o assunto é só na 1ª página. E se hoje voltarmos ao assunto só brincaremos por escrito. Para não haver testemunhas.

O CONGRESSO COR-DE-ROSA

Com vista à preparação da fantochada eleitoral, os fascistas da A.N.P. (ex. União Nacional), e os democratoídes de urnas, agrupados em torno da chamada "Oposição Democrática", andam numa fona. Para o recenseamento, ambos interessadíssimos numa mobilização popular para os papeis da junta, com vista a interessar os trabalhadores na fantochada, para permitir por um lado, legalizar o regime fascista e os processos regulares e periódicos de fantochadas, por outro, com vista a impedirem os trabalhadores de seguirem a via violenta revolucionária de luta contra a burguesia pela tomada do poder.

Realiza-se nos primeiros dias de Abril, na cidade de Aveiro, um pouco antes da realização do congresso do Partido fascista (ANP), um congresso da chamada "Oposição" "Democrática". Assim chamada pelos próprios democratoídes cor-de-rosa e pelos fascistas, pois para as massas operárias, camponesas e populares de Aveiro, não passa de mais uma reunião de "deutores das eleições".

Para este chamado "III Congresso da Oposição Democrática", os dirigentes cor-de-rosa pretendem levar a cabo uma macabra campanha de demagogia com vista a "incrementar a participação dos trabalhadores".

Os verdadeiros trabalhadores, (não os encarregados, nestres, controladores e demais lacaios dos patrões na grande maioria), sabem bem o que representa a aliança com esses deutores, e o que representa nas condições da ditadura fascista o terreno eleitoral. Os trabalhadores, as grandes massas de operários e camponeses de Aveiro e do país olham da maneira justa os dirigentes burgueses "democratas" votando-os ao mais total desprezo.

Seria engraçado ver-se quem são os "trabalhadores" que participam no Congresso. Ver-se os "trabalhadores" pois os outros, desde advogados que defendem em tribunal causas do patronato e grandes proprietários de terra que exploram da pior maneira camponeses, até grandes patrões de grandes fábricas, há de tudo, menos revolucionários, claro. Os "trabalhadores" que participam até ver nos trabalhos para o Congresso, não passam, na maioria de conhecidos "aristocratas do operariado", quando não agentes da explora

lê num dos próximos números, a nossa posição de fundo sobre a próxima fantochada eleitoral.

ção dos trabalhadores, como por exemplo, um dos membros nomeados para a comissão "Nacional" pelos cor-de-rosa da região do Congresso. Trata-se de um encarregado, vampiro sugador de suor e do sangue dos operários ceramistas, sádico manobrador para intensificar o ritmo de trabalho, patife e aldrabão constantemente a tentar sonegar aos produtores os miseráveis direitos que possuem debaixo da ditadura do Capital, carrasco profundamente odiado pelas massas operárias da região.

Como este, muitos outros. Sem nos cansarmos a elaborar os casos um por um, é de notar também o passado de um dos secretários das reuniões preparatórias. O insigne "anti-colonialista" de paleio, não viu inconvenientes em combater com as armas fascistas narão o povo revolucionário da Guiné, participando activamente durante 2 anos na guerra colonial assassina. Contudo, é democrata e anti-colonialista de paleio, desde pequenino!

São só alguns exemplos. É claro, que haverá um, dois, ou até mais, trabalhadores que possam participar nas sessões, enganados pelas promessas dos deutores da politiquice. Não é impossível. Tais demagogos, costumam "engatar" um operário, rodea-lo de pompas e promessas, e usa-lo como animalzinho de jardim zoológico, para se dizem representantes do povo, nomeadamente dos trabalhadores. Depois, com as promessas e honorarias, dão-lhes os trabalhos pesados e arriscados da fantochada, pedem-lhes a opinião quando sabem que eles estão de acordo ou que de qualquer forma lhes dizem que sim, e correm-nos insultando-os de provocadores e chamando-lhes naoístas se os seus trabalhadores enganados quiserem consequentes nas posições oposicionistas e democráticas que pensavam ter tomado!

O III Congresso da "Oposição" "Democrática", que receberá a maior difusão da Imprensa Burguesa, não passará de uma reunião de falsos democratas, arvorando as suas "brilhantes" e ridículas teses reformistas, ao serviço da burguesia descontente relativamente à situação actual.

Todos os verdadeiros oposicionistas, todos os democratas consequentes, todos os verdadeiros revolucionários, devem demonstrar bem alto a sua indignação, não só boicotando, como desnascando claramente a demagogia dos cor-de-rosa do Congresso de Aveiro, falsos representantes do povo, reformistas dispostos a alinharem nas mais evidentes armadilhas da ditadura fascista.

A ASSEMBLEIA FASCISTA

RECENSEAMENTO, Congresso cor-de-rosa, Fantochada eleitoral, visão de imediação o objectivo de domínio e participação na "Assembleia Nacional". Domínio total para os fascistas que o têm garantido, participação para os falados "democratas".

O que é esta Assembleia? Trata-se de uma reunião de deputados eleitos pela burguesia, para discutirem, aperfeiçoarem, e auxiliarem as medidas do governo, com vista à melhor forma de acentuar a ditadura e realizar a exploração e opressão.

A ditadura fascista, apercebeu-se à muito da necessidade de tentar mostrar que não é fascista, que está disposta a dialogar, que se pode ter divergências, etc...

Para isso a ditadura procura afanosamente a colaboração de palhaços capazes de fazerem o papel de "Oposicionistas". Querem-nos lá dentro, manietá-los no papel de palhaços; está tudo bem, enquanto eles não avançarem em divergências que se tornem politicamente desfavoráveis para o regime. Se por acaso tais palhaços quiserem jogar "o sério", pois a Assembleia Fascista pode retirar imediatamente o mandato do deputado, acusando-o de subversivo e entregá-lo à Pide. Para que nenhum destes palhaços se queira armar em gente, todas as intervenções na Assembleia "beneficiam" de uma censura prévia, por parte de uma comissão constituída por nazis estéricos.

De forma que, a Assembleia Fascista, não passa de um teatro de fantoches, destinado a dar ao regime um ar legal, onde nenhuma actividade política oposicionista tem qualquer possibilidade de se exprimir.

Os traidores revisionistas e "democratas" de conversa, inventam os mais ridiculos e inconcebíveis argumentos para defenderem a "disputa" da Assembleia e convencerem os incautos, dizendo que vale alguma coisa, que se se eleger deputados do "contra", a Assembleia tem de fechar e o regime vai a baixo com a "bronca", etc...

Na realidade, a Assembleia, corta a palavra a quem quer que seja, mesmo que seja a elementos das suas hostes, em desacordo com um ponto ou outro. Falo com a maior das facilidades, com a facilidade e a vontade com que um homem passeia dentro do seu quintal! Na realidade, a Assembleia Fascista só serve os fascistas e os que se dispõem a servir de seus lacaios. Nesta disposição, a de servir de lacaios do regime, estão os traidores e inimigos do povo, que em 1969 foram às urnas e os que este ano se preparam para representar o mesmo vergonhoso papel.

(Este jornal, como atrás é anunciado, abordará nestes meses, os vários aspectos da fantochada eleitoral, nomeadamente o problema de saber em que condições políticas concretas pode ser justo o aproveitamento revolucionário das actividades parlamentares, à luz do leninismo.)

EM FRENTE !

As nossas posições relativamente à próxima fantochada eleitoral, não são difíceis de antever para quem conheça elementos do marxismo-leninismo. Elas são norteadas pelos objectivos de desnascando a burla eleitoral e aproveitamento do período para grandes movimentações políticas das massas populares encabeçadas pelo operariado. Desde já é necessário desenvolver as estruturas reivindicativas e políticas. É das pequenas lutas, da unidade e experiência conquistadas na prática, que a luta operária pode encabeçar grandes lutas políticas pelo derrube da ditadura burguesa.

PREPAREMOS DESDE JÁ A VERDADEIRA INTERVENÇÃO POPULAR! DESMASCAREMOS A FANTOCHADA ELEITORAL E GANHEMOS PARA A NOSSA CAUSA OS REVOLUCIONÁRIOS SINCEROS EM GANADOS! ABAIXO OS COLABORACIONISTAS-TRAIDORES!

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!

○ POVO em LUTA



OS OPERÁRIOS EM:

S. JOÃO DE VER → Na "Metalurgica da Viúva", nesta localidade da região de Ovar, todos os operários entraram em greve total no dia 21 do corrente mês, exigindo aumento de salários e recusando-se a trabalhar.

O patrão chamou a policia e o presidente do sindicato que compareceram pouco depois. Disseram ao patrão que nada podiam fazer, já que ele não pagava sequer o mínimo estipulado pelo CTT. Dizia que não tinha dinheiro, mas acabou por aceder frente à unidade de todos os operários e comprometeu-se a dar os aumentos exigidos.

Os operários mantêm-se vigilantes para consolidar a sua vitória. Se o patrão ousar dar o dito por não dito, a greve total e muito mais provavelmente mostrar-lhe-á que com o operariado não se brinca.

A greve foi largamente apoiada nas grandes zonas industriais vizinhas, Ovar e Estareja, onde o operariado discutiu e aplaudiu a unidade dos metalurgicos "da Viúva" de S. Joao de Ver, sublinhando a necessidade de todos os operários se unirem para a luta de classe.

SIGAMOS O FIRME EXEMPLO DOS OPERÁRIOS METALURGICOS DE S. JOÃO DE VER!
CLASSE CONTRA CLASSE!

VENDA NOVA → Na Metalúrgica do COMETNA, a 6 km. de Lisboa, ¹⁴ no dia 19 de Fevereiro, duas secções (150 operários), pararam o trabalho durante meia-hora, reivindicando aumentos de 15% e a diminuição da semana de trabalho de 48 para 45 horas. O director fabril, imediatamente mandou dizer que voltassem ao trabalho, que ao fim do dia dava uma resposta.

Mas às 13,30, os operários, desta vez todos os 800 da fábrica, pararam o trabalho durante mais de 2 horas. Ao fim do dia, o patronato cedeu parcialmente: diminuição da semana de trabalho para 48 horas, 5% apenas de aumento. Eles invocavam que a produção e as vendas estavam baixas.

A burguesia, quando é obrigada a recuar, não se cansa de lançar armadilhas para diminuir as perdas ou até ficar a ganhar. Se nós arruinarmos ainda mais a saúde à trabalhar como nem bois, eles não se importam de dar pequenos aumentos. Quando nos dão 10 tentam ganhar 1000. A nossa luta é por trabalhar menos e ganharmos mais. A conversa da baixa produção é um arдил que não engana ninguém.

**LUTEMOS POR AUMENTOS DE SALÁRIOS E POR MELHORIAS DAS NOSSAS CONDIÇÕES!
MANTINHEMO-NOS UNIDOS ATÉ À VITÓRIA FINAL DAS NOSSAS REIVINDICAÇÕES!
ORGANIZEMO-NOS CLANDESTINAMENTE PARA DIRIGIR AS LUTAS!
REALIZEMOS ASSEMBLEIAS DE MASSA PARA DISCUTIR OS PROBLEMAS E TOMAR DICISÕES!
NÃO AS COMISSÕES LEGAIS QUE SÓ SERVEM PARA O PATRONATO MELHOR PODER REPRIMIR E MANOBRAR! O PATRÃO QUE DISCUTA COM TODOS!**

PORTO → Mais 370 operários foram lançados no desemprego após o encerramento da GIALCO na Estrada da Circunvalação...

Já semanas antes quando se soube que a fábrica ia fechar por "falência jurídica", os trabalhadores emprenderam várias reuniões, com vista a tomar medidas.

Impulsionados pelos do Sindicato, apresentaram a questão das indemnizações a tribunal. Até aqui, alguns jornais do Norte noticiaram as ocorrências. A partir daqui... o silêncio. Que se passou? A fábrica acabou por ser encerrada, sem qualquer operário ter sido oficialmente avisado. Ao lá chegarem encontraram a fábrica encerrada e decidiram reunir imediatamente. Apuraram que 3 dos 4 patrões tinham "desaparecido" e o outro tinha sido visto a ir buscar umas máquinas valiosas à fábrica na noite da véspera. Esse patrão, intimado várias vezes para comparecer em tribunal, recusava-se a fazê-lo. Os operários perceberam que só a sua iniciativa podia resolver alguns problemas e decidiram-se pôrem campo à procura do tal patrão.

Localizaram-no no dia 14 do corrente, cerca das 9 horas, e entrar para o banco Fernando Magalhães, na rua Sá da Bandeira, no Porto.

O alarme foi dado, respondendo-lhe imediatamente os operários da GIALCO com a sua presença. Quando cerca do meio-dia o patrão saía do banco, esperavam-no cerca de 300 operários. Antes de mais, assentaram-lhe um valentíssimo ardidde porrada, aos gritos de "ladrao", "dá cá aquilo que é nosso".

Os dois policias que faziam serviço na rua, desapareceram, o que pelos vistos, parece começar a ser uma "táctica" habitual.

O grupo de operários seguiu pelas ruas da baixa portuense, obrigando o patrão que nem sequer queria pagar as indemnizações, a marchar à sua frente. Para ele não perder a velocidade, de vez em quando um operário ou outro, lá lhe ia assentar melhor as costuras. Os operários conduziram o patrão até ao INTP, na Carvalhosa, depois de mais de um quilómetro percorrido em excursão.

COMENTÁRIO:

A acção dos operários da GIALCO de agarrarem o patrão, puni-lo violentamente lutarem, foi uma justa acção. Contudo é preciso que esteja bem claro o que significa o Tribunal e o INTP, que não passam de instituições da burguesia ao serviço dos patrões. É preciso que não se alimentem ilusões, relativamente a esses ladroes. As leis estão feitas para defender os patrões, foram e - les que as fizeram. Para se arrancar as miseráveis indemnizações, é preciso intensificar as manifestações públicas de protesto e procurar de todas as formas o apoio dos outros operários. Só assim a burguesia poderá recuar. Lutemos até ao fim e façamos coincidir as nossas lutas com as lutas de toda a classe operária. Não acreditemos nas leis. A "falência" é uma impostura. O pa

trão ou o Estado dos patrões que pague; seja como fôr, indemnizações que se vejam! Sem ilusões, unidos para a luta !

OS SOLDADOS EM:

ALFEITE → Em meados de Fevereiro, foram distribuídos na BASE NAVAL DE LISBOA dezenas de "MANIFESTOS DOS SOLDADOS" e panfletos contra a guerra colonial e sel's de "O GRITO DO POVO", bem como exemplares da carta da FRELIMO aos soldados portugueses. A propaganda distribuída em toda a base teve uma colossal repercursão e uma grande agitação correu pelos marinheiros, que diziam, virados para a messe dos oficiais: "Isto (O Manifesto) deu-me volta à cabeça; é tudo verdade; apetece-me rebentar com tudo isto". E, "final, aquilo (Moçambique) é mesmo deles! Mais de metade dos marinheiros da base leram, discutiram e apoiaram a propaganda.

No dia seguinte, os xicos começaram um inquérito em que participaram o comandante da base Batista Borges e mesmo o Ferrer, comandante geral das forças armadas da burguesia em Portugal. Todas estas inteligências nada conseguiram descobrir, sobre os misteriosos distribuidores de propaganda.

CHAVES → 200 soldados recusaram-se em meados deste mês a embarcar para a Guiné, segundo nos afirmam várias testemunhas. Pensamos ter mais elementos noticiosos a publicar no próximo número. A recusa ao embarque é uma das formas mais justas da luta do soldado! Abaixo a guerra colonial ASSASSINA! Viremos as armas contra os nossos verdadeiros inimigos, os burgueses e todos os seus lacaios!

MÁFRA → Durante o mês de Janeiro foram distribuídos vários comunicados do PAIGC, nas casernas dos soldados cadetes da Escola Prática de Infantaria. Nesses comunicados, o PAIGC denunciava os bombardeamentos aéreos executados pelos colonialistas portugueses sobre as escolas, hospitais e populações civis da Guiné libertada. Denunciando assim os atrozes crimes cometidos pelas tropas coloniais, o PAIGC incita os soldados a desertarem das fileiras do exército colonial.

Na mesma altura do aparecimento dos comunicados, desapareceu uma espingarda automática G3. Por causa disso o quartel ficou em estado de sitio: as casernas e os armários foram passados a pente fino, o material de guerra controlado nas arrecadações, os sacos e os soldados revistados nas formaturas de saída, nem escapando os carros dos oficiais xicos. Os capatazes militares da ditadura colonial-fascista não têm confiança nos seus próprios quadros. Isto mostra também o medo que a ditadura tem pela preparação da luta armada do povo. Bastou uma só arma desaparecida para os acagaçar completamente. O ambiente tornou-se de tal forma tenso, que o comandante do quartel veio falar aos cadetes de fé, de "patriotismo" e de outras patranhas, usando desta vez um tom paternal em vez do habitual tom ameaçador, e deu ordens para ser lido o comunicado do PAIGC publicamente. Escusado será dizer que as ordens não foram cumpridas, pois mesmo quando eles pretendem dar um ar de serem fortes, têm medo das consequências dos seus próprios actos.

APOIEMOS AS JUSTAS LUTAS DOS POVOS EM ANGOLA, GUINÉ E CABO VERDE, E MOÇAMBIQUE LUTEMOS REVOLUCIONÁRIAMENTE CONTRA A TIRANIA DOS XICOS E A GUERRA COLONIAL ASSASSINA! ORGANIZEMOS AS LUTAS! DESERTEMOS EM MASSA! DESERTEMOS COM ARMAS QUANDO NADA MAIS PUDERMOS FAZER PARA IMPEDIR POR ACÇÕES DE MASSAS OS EMBARQUES! COM O OPERARIADO E O CAMPESINATO, PELA REVOLUÇÃO POPULAR!

OS ESTUDANTES EM LISBOA → Centenas de estudantes e alguns trabalhadores manifestaram-se por 2 vezes em Lisboa, no corrente mês, contra a guerra colonial assassina e clamando vingança pelo assassinato de Amílcar Cabral. No cais do Sodré, os manifestantes empunharam uma bandeira vermelha e distribuíram propaganda anticolonial. Nas outras manifestações, em Alcantara e na Praça do Chile, enfrentaram um enorme aparato policial. Houve dezenas de prisões nas manifestações e os manifestantes ripostaram corajosamente à pedrada sobre a polícia.

COMUNICADO DA NOSSA ORGANIZAÇÃO

ACS OPERÁRIOS E OPERÁRIAS DA INDÚSTRIA CERÂMICA

Desencorajados e miseráveis aumento de cerca de 6000 que tiveram os ceramistas de certos países, o comunicado foi distribuído no último dia de Fevereiro, em quasi todos os centros industriais ceramistas do país. Depois de analisar certos aspectos de exploração, demonstrando como face ao aumento do custo de vida o salario real dos trabalhadores tem vindo a diminuir progressivamente, o comunicado, pela primeira vez impresso em tipografia, terminava:

"Suamargos as máquinas, ser pãmaros a produção, os patrões não ficam a espera que os lucros lhes caiam do céu. Quando fazemos uma greve, eles são obrigados a atender a "que nós queremos!"

Este comunicado, recebido de operários e trabalhadoras, resistindo a pro maior entusiasmo. Na fábrica, um dia des néve, a palavra de ordem. Para de os "democratas" de conversa costume Trabalho Igual - Salário Igual, foi ler nam por papéis as portas, diziam nos assegurante apoiada, sobretudo pela juven operários e apegar nes comunicados: "atitude feminina. Ao chegar um patrão, "Oh, e o costume das seleções!" Mas osovens operários gritaram as palavras de ordem, lendo, comentavam: "Não, não, não do comunicado: "Ven ai e venpire", é que estes falar do que nos interessa. Ven ai e venpire!" Em certos cen - sa!

Noutras fabricas, operários passava-lhes vasculhavam a fabrica e os canic ran e manha com as maquinas paradas e machos, procurando mais comunicados pa a fazer contas e a discutir: "Isto é para levar para a mãe, irmã, cunhada etc.

EM FRENTE CERAMISTAS, DO PENSAMENTO PARA A ACCÇÃO! À LUTA DE CLASSE!



A nossa organização, certa de exprimir os sentimentos dos anti-colonialistas e dos revolucionarios portugueses, envia aos camaradas do P.A.I.G.C., os seus votos de condolências pela morte de Amílcar Cabral, e o testemunho mais veemente da sua determinação para lado a lado, com os novimentos de libertação das colónias "portuguesas" e dos povos oprimidos do mundo inteiro, combater até ao fim, pelo aniquilamento total e definitivo do colonialismo e do imperialismo.

Que a memória de Amílcar Cabral seja um incentivo para todos os povos oprimidos do mundo, pelo fim do colonialismo e do imperialismo!

Viva a amizade entre os povos português e da Guiné e Cabo Verde!

Guiné e Cabo Verde — libertação

pelos colonialistas foram escolhidos o título provisório.

Hoje, o nosso povo africano da Guiné dispõe pois de um órgão novo de soberania, a sua Assembleia Nacional. Este será de acordo com a constituição que estamos a elaborar, o órgão supremo de soberania do nosso povo.

Amanhã, com o desenvolvimento certo da luta, criaremos igualmente a primeira Assembleia Nacional nas ilhas de Cabo-Verde.

A criação da primeira Assembleia Nacional popular na Guiné é uma vitória transcendente da luta difícil mas gloriosa do nosso povo pela independência. Ela abre novas perspectivas ao progresso da nossa acção político-militar. É o resultado dos esforços e sacrifícios do nosso povo durante 10 anos de luta armada, uma prova concreta da soberania do nosso povo e do seu alto grau de consciência nacional e patriótica.

"Neste ano, quando entendermos possível e oportuno, reuniremos a Assembleia Nacional popular da Guiné para que ela realize a sua primeira missão histórica: a da proclamação do nosso Estado, a criação de um executivo para esse Estado e a promulgação de uma lei fundamental—a primeira constituição da nossa história—a qual constituirá a base da existência da nossa nação africana."

"Da situação de colónia que dispõe dum movimento de libertação e cujo povo libertou já, durante 10 anos de luta armada, a maior parte do seu território nacional, vamos passar à situação dum país que dispõe do seu Estado e que tem uma parte do território ocupado por forças armadas estrangeiras."

"Nada, nenhuma acção criminosa, nenhuma manobra colonialista poderá impedir que o nosso povo africano, mestre do seu destino e consciente dos seus direitos e deveres, dê este passo decisivo para a realização do objectivo fundamental da nossa luta: a conquista da independência nacional e a elaboração na paz e dignidade reconquistadas, do seu verdadeiro progresso sob a direcção exclusiva dos seus próprios filhos sob a bandeira gloriosa do nosso Partido."

Assim falou Amílcar Cabral, secretário-geral do PAIGC, no início do novo ano de 73 aos militantes do Partido.

Os colonialistas entenderam ter chegado o momento oportuno para a sua destruição física. Preparavam o golpe mili-

tar. Aristidas Pereira, camarada directivo de Cabral, deveria ser rapetado e entregue a Spínola em Bissau. Para encenar o golpe crininoso, a Pide e suas diversas agências, monta um complicado cenário constituído por um série de invenções. Que existiram importantes divergências nas fileiras do PAIGC, que haveria uma luta pelo poder directivo entre vários dirigentes, que haveria contradições entre os Guineus e os Cabo-Verdianos. Total invenção! A Pide e suas agências, o crininoso Spínola e o jornal reaccionário "expresso" (pelos vistos o seu jornal) insinuam que os assassinos teriam sido determinados países com divergências. Aparentan-se a dizer que Cabral seria demasiado brando... demasiado ocidental! Para ajudar a encenação e facinora Spínola, ao mesmo jornal colonialista "Expresso", testemunha a sua "admiração pessoal" por Cabral.

Os lobos a vestirem a pele de cordeiros. Mas a vestirem mal. As próprias contradições da ridícula encenação, o processo realizado na Guiné em que foram arguidos os crininosos presos, mostram irrefutavelmente, quem são os assassinos, os únicos interesses na destruição física de Cabral: os colonialistas portugueses, apoiados pelo imperialismo ocidental!
VINGAREMOS
CABRAL !



GLÓRIA AO P.A.I.G.C. !
VIVA A ASSEMBLEIA NACIONAL DO POVO DA GUINÉ BISSAU!
CABO-VERDE SERÁ LIBERTADO!
VIVA A GRANDE AMIZADE REVOLUCIONÁRIA ENTRE OS POVOS DE PORTUGAL E DA GUINÉ - CABO-VERDE!
OS POVOS OPRIMIDOS VENCERÃO!
ABAIXO O COLONIALISMO E O IMPERIALISMO PROLETÁRIOS E POVOS OPRIMIDOS DO MUNDO INTEIRO: U N I - V O S !

O P.A.I.G.C. VENCERÁ!

Às 22,30 de 20 de Janeiro de 1973, Amílcar Cabral, caiu assassinado pelas balas de agentes da PIDE infiltrados nas fileiras do PARTIDO AFRICANO DE INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ E CABO-VERDE (PAIGC)

A segunda tentativa dos colonialistas para destruir fisicamente o principal dirigente do Partido, teve finalmente êxito. A primeira foi quando um comando de mercenários colonialistas desembarcou em Conakri de surpresa e tentou, entre outros objectivos, matar Cabral. As forças armadas Guineenses repeliram-nos com pesadas baixas. Desta vez, agora, os colonialistas conseguiram os seus objectivos.

Não foi o primeiro assassinato deste tipo. Em 1969, a PIDE conseguiu com êxito assassinar em Dar-Es-Salam, Eduardo Mondlane, Presidente da FRELIMO. Em 6 de Fevereiro desse ano, comentando o assassinato, dizia Amílcar Cabral:

"Desesperados face ao falhanço da sua política de guerra colonial de repressão em Angola, Moçambique e no nosso país, os colonialistas portugueses sempre apoiados pelos seus aliados imperiais e racistas, recorrem agora à destruição física dos "leaders" dos nossos povos, para tentarem deter a nossa luta Libertação Nacional"

"Face a esta nova forma de agressão contra os nossos povos e contra África - que desmascara mais uma vez, se necessário é, o carácter bárbaro do colonialismo português -, os movimentos de Libertação das colónias portuguesas devem redobrar de vigilância cerrar fileiras, reforçar a unidade moral e política de cada organização e intensificar o combate para acelerar a liquidação total da presença colonial portuguesa sobre o nosso continente."

Na realidade, os crimes colonialistas desta natureza, apenas conseguem reforçar a unidade política dos povos e a sua determinação para o combate.

Cabral foi assassinado pela PIDE. Este bando de criminosos, à semelhança do que sempre tenta fazer para com as organizações revolucionárias, conseguiu infiltrar, através de falsos desertores, certos elementos, nomeadamente graduados no PAIGC. Estes cumpriram normalmente as tarefas, até os colonialistas acharem ser o momento de agir. Esse momento foi 20 de Janeiro deste ano. Porquê?

Porque Cabral se preparava para ser o porta-voz da expressão política das grandes vitórias revolucionárias de libertação. Com efeito, ele tinha declarado no 1º dia de Janeiro deste ano, fazendo o balanço do passado ano e anunciando a próxima proclamação da Independência:

"Como cada um sabe, realizamos durante o passado ano, eleições gerais nas regiões libertadas, por sufrágio universal e secreto, para a criação dos Conselhos regionais e da primeira Assembleia Nacional da história do nosso povo."

"Os eleitores votaram massivamente nas listas preparadas em oito meses de debates

públicos e democráticos, durante os quais, representantes de cada sector foram designados. Uma vez reunidos, os conselhos regionais elegeram por seu turno, entre os seus membros, os representantes à Assembleia Nacional popular. Esta é constituída por 120 membros, dos quais 80 foram eleitos entre as massas populares e 40 entre os quadros políticos, militares, técnicos, profissionais e outros do Partido. Como sabeis os representantes dos sectores ocupados temporariamente

